

O CORAÇÃO IMACULADO DE MARIA, CAMINHO DA IGREJA^[1]

Carla Rossi Espagnet^[2]

INTRODUÇÃO

Foi escrito recentemente que “o segredo dos segredos de Fátima é o Coração de Maria”^[3]. Trata-se de uma afirmação provocativa, porque para a maior parte das pessoas, como também para várias publicações divulgadoras, “Fátima” é sinônimo de segredos que incutem temor, de verdades apocalípticas e misteriosas, de eventos naturais, catastróficos, de perseguições e sofrimentos dos cristãos; tudo, portanto, menos a referência tranquila e doce ao Coração da Mãe celeste. Todavia, é necessário reconhecer que, se para acentuar a importância das premonições catastróficas, certamente contribuiu a instintiva atração que os fatos extraordinários e desconcertantes exercem sobre nós mais do que aqueles simples e interiores, num certo sentido também a mensa-

^[1] Tradução de Maria do Socorro Coelho

^[2] Formou-se em Letras Modernas pela Universidade de Bologna, em 1984. Em 1993, obteve o doutorado em Teologia pelo Instituto João Paulo II, ligado à Universidade Lateranense. Desde 2003, ensina Teologia na Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma), onde atualmente é encarregada do curso de Mariologia. Autora de diversos livros e artigos de teologia.

^[3] LANZETTA, Serafino M. Il cuore immacolato di Maria, segreto dei segreti di Fatima IN: **Immaculata Mediatrix**, n° XVII, 2007, p. 129-144.

gem de Fátima em si, com o seu misto de afirmações claras e obscuras, e com a sua linguagem simbólica diversamente interpretável, contribuiu para conduzir na mesma direção^[4].

As expectativas catastróficas talvez foram alimentadas também pela longa e complicada história da transmissão dos eventos, que se prolongou por quase um século, ao longo de toda a vida da vidente Lúcia dos Santos, em meio a agitações sociais e políticas da época. De fato, a mensagem de Fátima não se dirige apenas ao horizonte espiritual e interior, mas faz referência a questões históricas e geopolíticas, como as duas guerras mundiais do século XX e o afirmar-se de regimes que fizeram do ateísmo um programa de governo. Maria manifestou que Deus é o Senhor da história a três pastorinhos que mal entendiam de que coisa a bela Senhora estivesse falando quando se referia à conversão da Rússia, e que deveriam pedir informações sobre quem fosse o Santo Padre^[5].

Àqueles meninos ela revelou que nos eventos históricos e políticos age uma força espiritual e divina que tem como fim a salvação eterna de cada pessoa humana, e o realizar-se do desígnio de amor de Deus pelas suas criaturas, mas, sobretudo, acrescentou que Deus quer realizar este projeto através do seu Coração Imaculado. Este é o caminho que foi indicado em Fátima para a salvação de cada ser humano e das nações:

Vocês viram o inferno, onde caem as almas dos pobres pecadores. Para salvá-las, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Coração Imaculado. [...]. Para impedir (uma guerra pior), virei pedir a consagração da Rússia ao

^[4] Cf. BENAZZI, Natale. **Fátima: l'infinito segreto**. Roma: Città Nuova, 2017.

^[5] Cf. SANTOS, Lucia dos. **Lucia racconta Fatima**. Brescia: Queriniana, 1977, p.28 (Primeira memória).

meu Coração Imaculado e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. [...] os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito a sofrer, várias nações serão destruídas. Finalmente, o meu Coração Imaculado triunfará.^[6]

Além disso, a Santa Virgem recordou que a história não se fará sem a contribuição de cada pessoa humana, mesmo da menor e aparentemente insignificante: “Recitem o rosário todos os dias, para obter a paz no mundo e o fim da guerra”^[7].

Dada a veracidade do testemunho de Irmã Lúcia dos Santos, esta revelação, enquanto privada e não vinculante para a nossa fé, requer de qualquer modo que seja escutada e nos propõe uma reflexão: por qual motivo Deus Nosso Senhor teria escolhido o caminho do Coração de Maria para levar ao fim o seu plano de salvação? E quais características assume a história da nossa salvação, quando se torna um caminho de união com Deus através do Coração Imaculado da Mãe de Jesus?

Evidentemente estas perguntas partem do pressuposto que a mensagem de Fátima não esteja superada e, além do mais, arquivada entre os eventos do passado, mas que tenha muito a dizer à Igreja e a cada cristão do nosso tempo: uma convicção que foi expressa com autoridade por Bento XVI em ocasião da beatificação de Jacinta e Francisco Marto:

Se iludiria quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída. Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os primórdios: “Onde está teu irmão, Abel? [...] A voz do sangue de teu irmão grita do solo por mim!” (Gn 4,9). O homem pode desencadear um ciclo de morte e de terror, mas não consegue interrompê-lo... Na Sa-

^[6] *Ibidem*, p.122 (Quarta memória).

^[7] *Ibidem*, p.120.

grada Escritura aparece frequentemente que Deus esteja à procura de justos para salvar a cidade dos homens e o mesmo faz aqui, em Fátima, quando Nossa Senhora pergunta: “Querem oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser vos mandar, em ato de reparação pelos pecados com os quais Ele é ofendido, e de súplica pela conversão dos pecadores?” (Memórias de Irmã Lúcia, 1, 162).^[8]

Bento XVI relacionou surpreendentemente os eventos de Fátima àqueles das origens, e assim fazendo os reconheceu como integrantes do desígnio divino universal em relação ao gênero humano. Em Fátima, Deus confirmou a realidade de sua presença na história, a importância da correspondência livre dos homens ao plano de Deus, a força da fraterna solidariedade humana e, como síntese de tudo isso, a escolha do caminho do Coração de Maria para realizar o seu plano de felicidade no mundo e na eternidade. Sobre estes elementos e sobre a ligação deles queremos agora colocar a nossa atenção.

1 A MENSAGEM DE FÁTIMA SOBRE O CORAÇÃO DE MARIA

Na *Enciclopédia de Fátima* lemos que “somente pouco a pouco o Coração de Maria emergiu na mensagem de Fátima”^[9]. A mesma prestigiosa enciclopédia, que saiu há dez anos em português graças à contribuição de 58 estudiosos que prepararam as 127 vozes que examinam o fenômeno do

^[8] BENTO XVI, Homilia em Fátima, 13 de maio de 2010.

^[9] NEIVA, Adélio Torres. Consacrazione IN: AZEVEDO, Carlos Moreira; CRISTINO, Luciano (orgs). **Enciclopedia de Fatima**. Siena: Cantagalli, 2010, p. 119.

ponto de vista histórico, religioso, sociopolítico, artístico, etc., surpreendentemente não apresenta a voz “Coração Imaculado de Maria”, mas enfrenta o tema em outras vozes, especialmente na voz “Consagração” e, de modo disperso, em algumas outras, como aquela dedicada à “Conversão”.

Contudo, o aspecto propositivo da mensagem confiada por Nossa Senhora aos pastorinhos consiste não só em pedir a oração e a penitência para reparar o mal, consolar Deus Pai e salvar os pecadores do inferno. Além disso, Maria afirma: “Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Coração Imaculado”^[10]. Se o tema do Coração de Maria não é novo e já esteve presente em outras aparições, sobretudo em Rue du Bac, por estas palavras a pessoa de Maria parece emergir de modo novo como caminho para a salvação da humanidade. Foi escrito que “em Fátima se tem uma reviravolta quando se alcança a devoção e consagração ao Coração Imaculado de Maria”^[11] e, de fato, vários estudiosos concordam em considerar a veneração do Coração Imaculado de Maria o centro da mensagem de Fátima. Entre eles, o mais eminente é o padre claretiano Joaquín Maria Alonso, renomado estudioso da história das aparições aos três pastorinhos e depois a Lúcia^[12], seguido por Stefano De Fiores e por outros^[13].

[10] SANTOS, Lucia dos. **Lucia racconta Fatima**. Brescia: Queriniana, 1977, p. 120-122.

[11] SALVI, Gino. **La Madonna della Guardia di Genova**: Dio ci parla mediante Maria. S/l: Gino Salvi Editore, 2016, p.13.

[12] ALONSO, Joaquín. El Corazón inmaculado de Maria, alma del mensaje de Fátima IN: **Ephemerides Mariologicae**, nº XXII, 1972, p. 240-303; nº XXIII, 1973, p. 19-75.

[13] DE FIORES, Stefano. Fatima. IN: **Maria. Nuovissimo Dizionario**, vol. I. Bologna: EDB, 2006, p. 695-724. Nas páginas 696-697 estão reportadas sinteticamente as diversas opiniões sobre o aspecto central da mensagem de Fátima que emergiram no Congresso Internacional de Mariologia, ocorrido em Fátima, em 1997.

Mas o que emerge exatamente a este propósito das aparições de Fátima? Repercorramos juntos os eventos, prestando atenção de modo especial a este aspecto. O primeiro a falar do Coração de Maria aos videntes foi o Anjo que apareceu entre a primavera e o outono de 1916 para prepará-los a quanto lhes diria a Santa Virgem dali a poucos meses. Na primeira aparição, ele lhes ensinou uma oração (*Meu Deus, eu creio, adoro, espero e vos amo...*), e no final disse: “Rezem assim. Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas”. Na segunda aparição, encorajou novamente as três crianças a rezar, e depois explicou: “Os Corações de Jesus e de Maria tem sobre vós desígnios de misericórdia”. Na terceira aparição, depois de ter mostrado a Hóstia santa e o cálice, o Anjo adorou a Eucaristia com uma oração que terminava com as seguintes palavras: “E pelos méritos infinitos do seu santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, vos peço a conversão dos pobres pecadores”^[14]. Nestas aparições, os Corações de Jesus e de Maria sempre foram considerados em uníssono. Somente na última foram acrescentados os adjetivos (“santíssimo”, a propósito do Coração de Jesus, e “imaculado” a propósito do Coração de Maria) que remetem à diferença entre as duas realidades, embora sempre no contexto da união delas. Com as aparições marianas, o tema adquiriu uma força nunca ouvida antes. Maria falou do seu Coração na segunda e na terceira aparição de 1917.

Em 13 de junho, revelou que Francisco e Jacinta iriam cedo ao céu, enquanto Lúcia ficaria ainda sobre a terra porque “Jesus quer servir-se de ti, para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Coração Imaculado”. E quando Lúcia mostrou-se preocupada

^[14] SANTOS, Lucia dos, op. cit. p. 116-117 (Quarta memória).

em ficar sem os priminhos, sobretudo pela oposição que estava encontrando na família por parte de sua mãe e das irmãs, a encorajou dizendo: “Não te desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Coração Imaculado será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”. Então Maria os envolveu numa luz divina e Lúcia observou a seguir:

Diante da palma da mão direita de Nossa Senhora havia um coração circundado de espinhos, que parecia lhe estivesse crucificado. Entendemos que era o Coração Imaculado de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação. Eis, excelência reverendíssima, a que coisa nos referíamos quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado um segredo em Junho. Nossa Senhora não nos ordenava, ainda esta vez, de manter o segredo. Mas sentíamos dentro que Deus a isto nos impulsionava.^[15]

Em 13 de julho de 1917, a temática se tornou ainda mais explícita. Antes de tudo, Nossa Senhora pediu para recitar o rosário e fazer sacrifícios pelos pecadores, rezando deste modo: “Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação dos pecados cometidos contra o Coração Imaculado de Maria!”. A este ponto mostrou-lhes o inferno, e continuou:

Vocês viram o inferno, aonde vão as almas dos pobres pecadores. Para salvá-las, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Coração Imaculado. Se fizerem aquilo que eu vos disser, muitas almas se salvarão e haverá a paz, a guerra terminará. Mas se não pararem de ofender

^[15] *Ibidem*, p. 120-121.

a Deus, sob o governo de Pio XI irá começar uma outra pior [...]. Para impedi-la, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Coração Imaculado e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem os meus pedidos, a Rússia se converterá e haverá paz. [...]. No final, o meu Imaculado Coração trunfará.^[16]

Em 13 de agosto, não houve nenhuma palavra sobre o Coração de Maria, mas ela mostrou os sentimentos do seu Coração quando, antes de ir embora, assumiu “um aspecto mais triste”^[17] enquanto exortava as crianças a rezar pelos pecadores que se perdem no inferno.

Enfim, em 13 de outubro, Maria se manifestou como “Nossa Senhora do Rosário”. A este propósito, com maravilhosa intuição, Stefano De Fiores observa que

o Coração Imaculado, que conserva a recordação dos mistérios de Cristo e os medita, é o lado interior do rosário já que este, por sua vez, não é outra coisa senão a história da salvação considerada do ponto de vista de Maria. *Nossa Senhora do Rosário* e *Coração Imaculado* se referem à mesma realidade e de certo modo coincidem.^[18]

De modo semelhante teria se expressado alguns anos depois são João Paulo II na Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, cujo primeiro capítulo se intitula “Contemplar Cristo com Maria”. Naquelas páginas, o Santo Padre ensinava que

^[16] *Ibidem*, p. 121-122.

^[17] *Ibidem*, p. 123.

^[18] DE FIORES, Stefano. Fatima. IN: op. cit, p. 697.

à contemplação do rosto de Cristo ninguém se dedicou com igual assiduidade quanto Maria. Os *olhos do seu Coração* se concentram de algum modo sobre Ele já na Anunciação [...]. Maria vive com os olhos sobre Cristo e faz tesouro de cada palavra sua: “Conservava todas estas coisas meditando-as no seu coração” (Lc 2,19; cfr. 2,51). As lembranças de Jesus, impressas na sua alma, a acompanharam em cada circunstância, levando-a percorrer com o pensamento os vários momentos da sua vida ao lado do Filho. Foram aquelas lembranças a constituir, em certo sentido, o “rosário” que ela mesma constantemente recitou nos dias da sua vida terrena.^[19]

A mensagem sobre o Coração Imaculado foi completada na aparição de 10 de dezembro de 1925, em Pontevedra, quando Nossa Senhora ensinou a Lúcia, então postulante junto ao convento das religiosas de Santa Dorotéia, a devoção dos primeiros cinco sábados do mês, em reparação das ofensas ao seu Coração Imaculado. Em 15 de fevereiro de 1926, o Menino Jesus lhe perguntou se estava se empenhando para difundir tal devoção^[20]. E enfim, na noite de 29 de maio de 1930, Jesus lhe explicou o motivo pelo qual havia lhe pedido que os sábados dedicados ao coração de Maria fossem exatamente cinco^[21]. À devoção dos primeiros sábados de cinco meses consecutivos, se acrescentou o pedido que o Santo Padre fizesse “um ato solene e público de reparação e consagração da Rússia aos santíssimos Corações de Jesus e de Maria. Sua santidade deveria ainda prometer que no fim

[19] SÃO JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae**, 2002, nn. 10-11. Os grifos são meus.

[20] Cf. SANTOS, Lucia dos, op. cit. p. 141-142.

[21] Cf. *Ibidem*, p.143-146.

desta perseguição (dos cristãos na Rússia, n.d.r), aprovará e recomendará a prática da devoção reparadora já descrita^[22]. Estas aparições se mostram em continuidade com aquelas de Fátima porque retomam seja o tema da Rússia, seja aquele da devoção ao Coração de Maria^[23].

Em 13 de junho de 1929, Lúcia teve em Tuy uma visão da Santíssima Trindade com Cristo crucificado.

Sob o braço direito da Cruz estava Nossa Senhora (era Nossa Senhora de Fátima, com seu Coração Imaculado na mão esquerda, sem espada nem rosas, mas com uma coroa de espinhos e de chamas), com seu Imaculado Coração em mão... [...]. Nossa Senhora me disse: “Chegou o tempo em que Deus pede que o Santo Padre faça, em união com todos os bispos do mundo, a consagração da Rússia ao meu Coração Imaculado, com a promessa de salvá-la com este meio.”^[24]

Até aqui estão os testemunhos em relação à vontade divina manifestada no século XX aos videntes de Fátima de conduzir a Igreja e o mundo no caminho do Coração de Maria.

2 OS DESDOBRAMENTOS ANTERIORES DO CAMINHO DO CORAÇÃO

A atenção ao Coração de Maria, naturalmente, não nasceu em Fátima: ela já tinha aparecido na espiritualidade cristã e tem origens antiquíssimas, até mesmo evangélicas. Mas

^[22] *Ibidem*, p. 143-144.

^[23] Cf. ALONSO, Joaquim, op. cit. n° XXII, p. 262.

^[24] *Ibidem*, p. 175.

a insistência das mensagens de Fátima sobre a centralidade do Coração Imaculado constitui uma novidade: o que significa isso? E como entender a influência eclesial e geopolítica dos atos de culto pedidos pela Virgem? Para tentar responder a estas perguntas será útil ver, ainda que rapidamente, de que modo a veneração do Coração de Maria se desenvolveu na história da Igreja.

É importante destacar que a atenção ao Coração de Maria emerge já na Sagrada Escritura, quando se diz que diante dos eventos que a envolviam por motivo da maternidade divina, “Maria conservava todas estas coisas meditando-as no seu coração [*kardía*]” (Lc 2, 19.51), portanto, se evidencia a sua atitude reflexiva e ativa em colher o mistério presente na vida e nas palavras de Jesus ainda menino^[25]. Sabemos assim que, mesmo consciente da própria inadequação diante das manifestações do divino, ela não renunciou a procurar entender os eventos e o seu significado, progredindo na fé^[26]. É sempre a Escritura a destacar a participação interior de Maria também nos eventos pascais, segundo a profecia de Simeão: “Quanto a ti uma espada atravessará a alma [*psyché*]” (Lc 2,35), com a qual Deus revela de querer colocá-la a parte na obra redentora do Filho^[27].

Em relação ao significado que a palavra *coração* tem na Sagrada Escritura, Joseph Ratzinger expôs o resultado dividido, afinal, pelos estudiosos, em seu comentário teológi-

[25] A *Lumen Gentium* destacou várias vezes que Maria não colaborou de modo passivo na obra da salvação, e até agora desempenha uma função importante em seu favor: Cf. os números 56, 58, 61, 63, 69.

[26] Cf. SÃO JOÃO PAULO II, **Carta Encíclica Redemptoris Mater**, 1987, n. 16.

[27] Cf. ALONSO, Joaquín; SARTOR, Danilo. *Cuore immacolato* IN: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (orgs) **Nuovo Dizionario di Mariologia**. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 1996, p. 399-410.

co à terceira parte do segredo de Fátima: “Coração significa na linguagem bíblica o centro da existência humana, a confluência de razão, vontade, temperamento e sensibilidade, onde a pessoa encontra a sua unicidade e a sua orientação interior”^[28]. Trata-se de um esclarecimento importante para nós que estamos habituados a atribuir ao coração apenas os movimentos emotivos e os aspectos sentimentais da vida, e não a compreensão intelectual mais profunda ou a decisão radicalmente livre. Prosseguindo na análise bíblica, Ratzinger destaca que também o adjetivo “imaculado” encontra na Sagrada Escritura uma referência, e exatamente em relação ao “coração”: “O ‘coração imaculado’ é segundo Mt 5,8 (‘Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus’) um coração que a partir de Deus alcançou uma perfeita unidade interior e, portanto, ‘vê Deus’”^[29].

Com base na Escritura, entre os Padres da Igreja, fez caminho a ideia que o Coração de Maria seria como um baú no qual foram depositados os maiores mistérios. A expressão mais significativa e fecunda desta convicção nos foi entregue por Santo Agostinho, que entendeu que “de nenhum valor teria sido para Maria a própria divina maternidade, se ela não tivesse carregado no coração o Cristo, com uma graça maior do que quando o concebeu na carne”^[30]. A concepção no coração e na fé, antes que no corpo, é um tema caro aos Padres, e não diminui a realidade da Encarnação do Verbo, mas exalta a aproximação espiritual de Maria a Jesus, sem dúvida mais importante que aquela física.

[28] CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **A mensagem de Fátima**. S/I: LEV, 2000, p. 39.

[29] *Ibidem*.

[30] SANTO AGOSTINHO. A santa virgindade 3 IN: **Opere di Sant'Agostino**, vol VII/1. Roma: Città Nuova Editrice, 1978, p.77.

Na Idade Média, continuou a reflexão sobre o Coração de Maria, e vários autores colocaram em evidência que ela não só trouxe Cristo ao mundo, mas com Ele também o início da salvação^[31]. Em particular, lembramos que no século XIII, no mosteiro beneditino de Hefta, na Alemanha, viveram Matilde de Magdeburgo, Santa Matilde de Hackborn e Santa Gertrudes, a Grande, mulheres eminentes pela sua cultura sagrada e profana, pela vida mística e pelos escritos que deixaram. Elas tiveram uma importante experiência da humanidade de Cristo e tributaram um culto ardente ao Seu coração e àquele de Maria, caracterizado pela contemplação da humanidade de Cristo inserida no mistério da Santíssima Trindade^[32].

Finalmente em época moderna, o santo universalmente reconhecido como o mais importante promotor do culto aos Sagrados Corações é São João Eudes, que em 1648 compôs e celebrou pela primeira vez a Missa e o Ofício em honra do Coração de Maria e promoveu todo gênero de iniciativas para difundir o culto: escreveu opúsculos, compôs orações, distribuiu imagens. Graças a ele, o Coração de Maria começou a receber o culto litúrgico junto àquele de Jesus, que depois recebeu maior impulso graças às aparições de Cristo à Santa Margarida Alacoque. Mas, evidentemente, o culto ao Coração de Maria não podia não beneficiar o consolidar-se do culto ao Coração Sacratíssimo de Jesus. Para São João Eudes, o Coração de Maria merece a gratidão e o louvor da Igreja, como explica com estas audaciosas palavras: “A nossa salvação

[31] Cf. ALONSO, Joaquín; SARTOR, Danilo. Cuore immacolato IN: op. cit, p. 402, para uma exposição sintética dos autores e obras do período medieval.

[32] Cf. CIAPPI, Luigi Maria. L'apporto specifico del messaggio di Fatima alla teologia del Cuore Immacolato di Maria IN: **Ephemerides Mariologicae**, n° XXII, 1972, p. 305-320. Sigo este autor também para as notícias históricas seguintes.

tendo sido operada neste Coração e através deste Coração, é evidente que depois de Deus e do seu Filho Jesus, ele é o primeiro fundamento do cristianismo: fundamento estável, sólido e imutável, do qual não podemos separar-nos sem cair no perigo evidente da ruína e da eterna condenação”^[33].

Em seguida, o Coração de Maria está entre os símbolos que estão representados na Medalha que foi mostrada a Santa Catarina Labouré, em 1830, em Paris, para que a cunhasse e a difundisse. É um coração traspassado por uma espada e se encontra ao lado daquele de Jesus, que está coroado de espinhos. Ambos são sobrepostos por um M e por uma Cruz entrelaçados, de novo símbolos de Jesus e de Maria intimamente unidos. Ao redor são simbolizadas doze estrelas. Nas aparições de Rue Du Bac, Nossa Senhora quis recordar o seu grande poder de intercessão, representado por raios que saíam de suas mãos enquanto Santa Catarina ouvia uma voz que explicava: “Estes raios são o símbolo das graças que eu distribuo àqueles que me pedem”. Os sagrados Corações e a Cruz de Cristo impressos na medalha milagrosa parecem indicar os motivos pelos quais aqueles que querem obter graças podem confiar em recebê-las.

Depois da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 1854, e dos eventos de Fátima, em 1917, a expressão “Coração Imaculado” tornou-se a mais usada e frequente, enquanto antes se usavam frequentemente também outros adjetivos para indicar o Coração de Maria: por exemplo, “puríssimo, docíssimo, sagrado...”^[34].

[33] GAUDERON, Joseph, **Le très Saint Coeur de Maria. Son influence sur le salut et la santification des âmes d'après le b. Jean Eudes**. Paris: s/n, 1922, p. 75.

[34] Cf ALONSO; SARTOR. Cuore immacolato IN: op. cit. p. 399.

Na metade do século passado, a devoção ao Coração de Maria sofreu a crise que já tinha atingido a devoção ao Coração de Jesus: ambas foram consideradas devoções decedentes e sentimentais, pouco adequadas aos cristãos do século XX, chamados ao imperativo próprio da época, aquele de fazer e produzir. Pio XII quis chamar atenção aos valores perenes contidos na devoção ao Coração de Jesus na encíclica *Haurietis aquas*, em cujo final escrevia:

Portanto para que o culto para com o venerável Coração de Jesus traga frutos mais copiosos de bem na família cristã e em toda a sociedade humana, façam um dever os fiéis de associar-se intimamente à devoção ao Coração Imaculado da Mãe de Deus. De fato, é sumamente conveniente que, como Deus quis associar indissoluvelmente a Beatíssima Virgem Maria a Cristo no cumprimento da obra da humana Redenção, de modo que a nossa salvação pode bem dizer-se que é fruto da caridade e dos sofrimentos de Jesus Cristo, os quais estavam estreitamente unidos ao amor e às dores de sua Mãe. Assim, o povo cristão, que de Cristo e de Maria recebeu a vida divina, depois de ter tributado as devidas homenagens ao Coração Sacratíssimo de Jesus, preste também ao Coração amatíssimo da celeste Mãe, com semelhantes atos de piedade, de amor, de gratidão e de reparação. Está em harmonia com este sapientíssimo e suavíssimo desígnio da Providência divina que nós mesmos queríamos solenemente dedicar e consagrar a santa Igreja e o mundo inteiro ao Coração Imaculado da Bem-aventurada Virgem Maria (A.A.S., XXXIV, 1942, p. 345ss).^[35]

^[35] PIO XII. **Carta Encíclica Haurietis aquas**, 1956.

Com estas últimas palavras, Pio XII recordava a consagração ao Coração Imaculado de Maria que tinha feito em português em 31 de outubro de 1942, no 25º aniversário das aparições de Fátima, embora Irmã Lúcia lhe fez saber que naquela ocasião não tinham sido cumpridas as condições pedidas por Nossa Senhora, ou seja, que se tratasse de uma consagração realizada pelo Santo Padre junto com os bispos de todo o mundo, e que se referisse de modo expresse à Rússia. Todavia, no ano seguinte Irmã Lúcia comunicou que Deus lhe fez entender que a guerra teria terminado logo em atenção àquele ato de culto do Santo Padre, mas que, já que tinha sido incompleto, a Rússia não teria ainda se convertido^[36]. Também Paulo VI realizou um ato de consagração do mundo a Maria^[37], mas sem cumprir as condições indicadas por Irmã Lúcia. Finalmente, a cumprir o gesto na modalidade pedida pelos videntes de Fátima, foi são João Paulo II, em 25 de março de 1984^[38]. Poucos anos depois, como é conhecido, caiu o muro de Berlim (1989), em 8 de dezembro de 1991 foi declarado o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e a bandeira vermelha do Kremlin foi arriada em 25 de dezembro do mesmo ano. Tudo sem que fosse disparado um só tiro de arma de fogo, mas por um livre acordo das partes.

O modo pelo qual aconteceram os eventos e a coincidência destas datas com as solenidades católicas da Imaculada Conceição de Maria e do Natal de Jesus não cessam de surpreender.

[36] Cf. SANTOS, Lucia dos, op. cit. p. 164.

[37] Cf. BEATO PAULO VI, discurso de 21 de novembro de 1964.

[38] Cf. **INSEGNAMENTI di Giovanni Paolo II**, vol VII/1. Città del Vaticano: LEV, 1984, p.775.

De quanto vimos através deste breve percurso histórico, o Coração de Maria é um símbolo que, no decorrer do tempo, expressou conteúdos de fé de grande intensidade: nos primeiros séculos, foi associado prevalentemente à verdadeira encarnação do Filho de Deus, ocorrida primeiro no coração e depois no corpo da Mãe. Em seguida, passou a significar, sobretudo, a sua participação na dolorosa Paixão do Filho, e o Coração traspassado segundo a profecia de Simeão tornou-se a expressão viva da união espiritual entre a mãe e o Filho, e da missão corredentora dela. Enfim, nos nossos dias, o Coração Imaculado de Maria é um sinal da ação de Deus na história, que requer a inteligente e livre cooperação humana: aquela de Maria, antes de tudo, e depois a nossa.

A sua intercessão materna se desdobra num campo de ação sempre mais vasto, que do íntimo das convicções pessoais chega a abraçar os eventos epocais, as decisões dos Estados e dos governos que envolvem a sorte de milhões de seres humanos. Deste modo, Maria parece querer manifestar sempre mais a sua maternidade em relação a todo gênero humano, e ao mesmo tempo chamar os seus filhos às suas responsabilidades nas suas decisões, ainda que pequenas frequentemente não privadas de importantes consequências coletivas. A reflexão sobre o seu Coração Imaculado conduz, portanto, a considerar a importância da relacionalidade e da solidariedade entre todos os seres humanos, e principalmente com ela. Sobre isto queremos agora colocar a nossa atenção.

3 O SIGNIFICADO ANTROPOLÓGICO DO CAMINHO DO CORAÇÃO

O desdobramento da compreensão do mistério do Coração de Maria^[39] está em sintonia com a maior notoriedade que aos nossos dias se atribui às relações que unem os seres humanos entre si, com Deus e com a criação. De fato, na época da globalização todos desenvolvemos a percepção de ser parte não apenas do nosso povo e do nosso país, mas da família humana, que junto a nós habita o mesmo planeta. A velocidade dos meios de transporte e a quase simultaneidade dos meios de comunicação têm derrubado principalmente o espaço entendido como distância que separa os povos e os continentes^[40], com as consequências positivas e negativas que isto comporta: por um lado, a maior circulação de pessoas, de conhecimentos e de bens materiais de todo tipo, por outro o diluir-se da identidade pessoal e dos povos, facilmente sujeita à manipulação por parte das ideologias dominantes, a que se opõem os movimentos nacionalistas.

Do ponto de vista filosófico e teológico, a redescoberta da relação abre a novos horizontes de compreensão do mistério do ser humano e o de Deus^[41]. Nossa Senhora de Fátima destacou de modo novo a forte relação que vincula as vidas aos acontecimentos humanos como também o valor da liber-

[39] Que faz sempre referência ao mistério do Coração de Jesus, embora agora concentremos a nossa atenção no mistério mariano.

[40] Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernità liquida**. Roma; Bari: Laterza, 2005, p. 126-134.

[41] É necessário falar em re-descoberta porque é bem conhecido que os Padres da Igreja, refletindo sobre o mistério de Cristo e da Santíssima Trindade, foram os primeiros a descobrir o conceito de pessoa e a importância das relações. Cf. MASPERO, Giulio. **Essere e relazione. L'ontologia trinitária di Gregorio di Nissa**. Roma: Città Nuova, 2013.

dade pessoal que modifica a história e age na ordem da salvação. Se considerarmos que a modernidade deixou dentro de si a destruição da confiança do homem em si mesmo e nos próprios semelhantes, trata-se de uma mensagem de grande impacto também do ponto de vista cultural.

3.1 O fim do super-homem

A falência do racionalismo iluminista e do voluntarismo romântico, que por motivos diversos tinham levado a acreditar que na pessoa humana exista a capacidade de se tornar um “super-homem” em grau de entender e de planejar qualquer coisa com a força da razão e da vontade, e de tornar-se o artífice de um seguro progresso da humanidade, abriu o caminho para aquela que chamamos de época pós-moderna^[42]. A utopia moderna não resistiu ao confronto com a história, quando se verificou que as ideologias políticas do século XX que haviam nascido com a intenção de atualizá-la, causaram estes massacres humanitários, tornando afinal totalmente injustificada aquela ilimitada confiança^[43].

Aos desastres humanitários se acrescentaram aqueles ecológicos sempre mais graves, dada a crescente potência de meios dos quais dispõe a humanidade. E, infelizmente, este tipo de destruição continua apesar da queda das ideologias,

[42] Cf. a profunda análise de GUARDINI, Romano. **La fine dell'epoca moderna**. Brescia: Morcelliana, 2015; BERLIN, Isaiah. **Le radici del romanticismo**. Milano: Adelphi, 2001. Sobre o Super-homem, cf. SCARPELLI, Giacomo. **La scimmia, l'uomo e il superuomo**. Nietzsche: evoluzioni e involuzioni. Milano: Mimesis Edizioni, 2008.

[43] De um lado, o nacional-socialismo e os movimentos fascistas e de outro o comunismo marxista, provocaram milhões de mortes no século XX, além daquelas causadas pelas duas guerras mundiais. Cf. HOBSBAWM. **Il secolo breve**. Milano: Rizzoli, 1998.

pelo motivo de instaurar-se o modelo do *Homo consumens* e do predomínio da civilização do produzir e do consumir^[44] que, se de um lado respeita a vida humana ao menos quando é produtiva, de outro não poupa a natureza, concebida como um enorme depósito de matérias-primas para explorar e manipular sem outra regra que aquela indicada pela necessidade de continuar a produzir e a consumir^[45].

Do ponto de vista filosófico, a falência das utopias provocou a desconfiança nas potencialidades humanas e em particular na capacidade de chegar a partilhar das verdades certas, abrindo para a crise de sentido e para o vazio existencial que tomou as formas do assim chamado “pensamento fraco”, impregnado de niilismo^[46].

De Fiores considera que estas orientações culturais ativaram também em campo teológico alguns desdobramentos que levaram adiante o processo de inculturação da fé que o Espírito Santo continua a suscitar na Igreja^[47]. Por exemplo, ao afirmar-se o niilismo filosófico, corresponde na teologia uma nova atenção pela *kenosis*, o abaixamento de Cristo na Encarnação e depois na sua Paixão e Morte^[48]. No fundo se trata de uma retomada de um tema tradicional, em quanto já Agostinho havia falado de Maria como da Mãe da fraqueza

[44] Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Homo consumens**. Gardolo (TN): Erickson, 2007, em chave mais sociológica que ecológica.

[45] Em sinal do valor humano e sobrenatural da criação, o Papa Francisco escreveu sua segunda encíclica, *Laudato si* (24 de maio de 2015), sobre a qual voltaremos mais adiante.

[46] Cf. GILBERT, P. Nihilisme et christianisme chez quelques philosophes italiens contemporains: Severino, Natoli et Vattimo IN: **Nouvelle Revue Théologique**, nº 121, 1999, p. 254-273.

[47] Cf. CONCILIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**, n. 8. Cf. DE FIORES, Stefano. **Maria sintesi di valori**. Storia culturale della mariologia. Milano: San Paolo, 2005, p. 377-392.

[48] Cf. DE FIORES, Stefano. op. cit., p. 461-470.

de Cristo, uma vez que o havia gerado na sua humanidade: “Seja José, pai somente em espírito, seja Maria, mãe também segundo a carne, foram ambos os pais da sua humildade, não da sua grandeza; da sua fraqueza, não da sua divindade”^[49]. O tema suscitou um discreto interesse, e nos últimos anos numerosos estudos se ocuparam de Maria como mulher do povo de Israel, da sua pobreza do ponto de vista social e do seu pertencimento aos “pobres de Yhwh” do ponto de vista espiritual. Também o progresso das escavações arqueológicas na Terra Santa contribuiu para alimentar o interesse pela vida comum da Mãe de Jesus^[50].

Do ponto de vista antropológico, a queda do mito do super-homem fez emergir além da consequência niilista, e em direção oposta, a redescoberta da solidariedade e da relationalidade, sobretudo, por obra do personalismo. Em antítese com o *Homo economicus*, que encontra as suas certezas na capacidade de produzir, e cujo valor consiste no ter mais do que no ser, o personalismo deu voz a um modo diverso de ser homem, centrado na relação. “Amo logo existo”, afirma Emmanuel Mounier: “O ato de amor é a mais forte certeza do homem, o *cogito* existencial irrefutável. Eu amo, portanto o ser é, e a vida vale”^[51].

[49] SANTO AGOSTINHO. **Le nozze e la concupiscenza**, 1, 11, 12.

[50] MORI, Elios Giuseppe. **Figlia di Sion e serva del Signore**. Bologna: EDB, 1988; DE FIORES, Stefano; TESTA, Emmanuele. Maria di Nazaret IN: **NDM** op. cit. p. 778-801; PERETTO, Elio. Povera IN: **NDM** op. cit. p. 1015-1023; BAGATTI, Bellarmino. **Gli scavi di Nazaret**. Gerusalemme: s/n, 1984; DEL GAUDIO, Daniela. **Maria di Nazaret**. Città del Vaticano: LEV, 2014; BELLO, Tonino. **Maria donna dei nostri giorni**. Milano: San Paolo, 2015; DE FIORES, Stefano. Donna mediterranea. IN: **Maria, Nuovissimo Dizionario**, vol.1. Bologna: EDB, 2006, p. 599-636; em chave feminista BAUTISTA, Esperanza; GOMEZ-ACEBO, Isabel. **Maria mujer mediterránea**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999.

[51] MOUNIER, Emmanuel. **Il personalismo**. Roma: s/n, 1989, p. 50.

Além disso, numerosos estudos psicológicos mostram que o mito moderno da autonomia absoluta na realidade não responde à verdade do ser humano, porque cada pessoa precisa dos próprios semelhantes não só a nível material, para adquirir os produtos necessários para viver (comida, remédios, roupas, etc.), mas também para amadurecer a própria personalidade a nível intelectual e afetivo^[52]. Enfim, a aspiração a ser totalmente independentes dos outros deixou, afinal, o lugar para a consciência que a troca e o dom, seja na entrada seja na saída, são necessários para forjar a identidade pessoal^[53]. Isto significa que, em via normal, os outros não só não representam um perigo para a autonomia do sujeito (nem muito menos são “o inferno” de memória sartriana^[54]), mas além de constituir um valor em si, são também indispensáveis para que cada um de nós realize a sua personalidade.

Com o Concílio Vaticano II, também o Magistério ensinou que a dimensão relacional é central para compreender qual é o núcleo da identidade humana: “Esta semelhança (com a união das Pessoas divinas) manifesta que o homem, o qual na terra é a única criatura que Deus tenha querido por si mesmo, não pode reencontrar-se plenamente se não atra-

[52] Cf. VIAL, Wenceslao. **Psicologia e vida espiritual**. Roma: EDUSC, 2015. Para uma reflexão de tipo filosófico, cf. MALO, Antonio. **Io e gli altri**. Dall'identità alla relazione. Roma: EDUSC, 2016. Cf. também TERENCE, Paolo. Il paradigma relazionale e l'educazione IN: DONATI, Pierpaolo; MALO, Antonio; MASPERO, Giulio (Orgs). **La vita come relazione**. Roma: EDUSC, 2016, p. 309-342.

[53] Sobre a diferença entre troca e dom veja-se a síntese de MALO, Antonio. Soggettività, riflessività e paradigma relazionale IN: **La vita come relazione**, op. cit., p. 139-168.

[54] SARTRE, Jean Paul. A porte closes IN: **Opere di Jean Paul Sartre**. Milano: Bompiani, 1974, fim da cena V.

vés de um dom sincero de si”^[55]. O tema teve uma importante retomada com Bento XVI, que sublinhou que a maior aproximação que experimentamos é uma ocasião para chegar à comunhão, e que por isto ocorre um renovado pensamento sobre a relacionalidade humana, não apenas a nível sociológico, mas também metafísico e teológico^[56]. Enfim, mais recentemente, o Papa Francisco retomou o tema da relacionalidade da identidade humana à imagem de Deus Trindade:

A pessoa humana tanto mais cresce, amadurece e se santifica quanto mais entra em relação, quando sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas. Assim assume na própria existência aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a sua criação.^[57]

3.2 Irmã e Mãe

No que diz respeito a Maria, já há alguns séculos, ela tinha sido definida por Bérulle, e depois por Grignon de Montfort, “essencialmente relativa a Deus”^[58], mas a intuição deles não teve sequência. Precisávamos esperar o século XX para ver reflorescer a compreensão em chave relacional não apenas da pessoa humana, mas também do mistério da Mãe de Deus. A este respeito, é muito importante a decisão

[55] CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et spes***, 1965, n. 24.

[56] BENTO XVI. **Encíclica *Caritas in veritate***, 2009, n. 53-56.

[57] PAPA FRANCISCO. **Encíclica *Laudato si***, n. 240.

[58] Cf. DE BERULLE *Oeuvres de piété*, CXIX De la grâce chrétienne IN: **Oeuvres complètes**. Parigi: Migne, 1856, col. 1144; SAN LUIGI DE GRIGNION DE MONTFORT. **Trattato della vera devozione a Maria**. Roma: Città Nuova, 2000, n.164.

do Concílio Vaticano II de falar de Maria não separadamente do contexto da família dos filhos de Deus, mas em relação “ao mistério de Cristo e da Igreja”^[59]. Em seguida o Beato Paulo VI explicitou esta chave de leitura proclamando Maria Mãe da Igreja:

De fato como a divina maternidade é o fundamento da especial relação com Cristo e da sua presença na economia da salvação operada por Cristo Jesus, assim também ela constitui o fundamento principal das relações de Maria com a Igreja, sendo Mãe Daquela que desde o primeiro instante da Encarnação no seu seio virginal, uniu a si como cabeça o seu Corpo místico que é a Igreja.^[60]

Dez anos depois, Paulo VI destacou novamente num importante documento que Maria tem uma especial relação com as Pessoas divinas: “Na Virgem Maria tudo é relativo a Cristo e tudo depende dele: em vista Dele, Deus Pai, desde toda eternidade, a escolheu Mãe toda santa e a ornou de dons do Espírito, a nenhum outro concedidas”^[61]. Em vários dos seus discursos, ele usou um título que raramente se atribui a Maria, aquele de “irmã”, para exprimir a forte união que une todos os cristãos e todos os homens à Virgem de Nazaré. Já no discurso de encerramento do 3º período do Concílio, depois de ter proclamado Maria Mãe da Igreja, dizia:

[59] Assim como se encontra no título do capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

[60] BEATO PAULO VI. Discurso de encerramento do 3º período do Concílio, 21-11-1964 IN: **Enchiridion Vaticanum** 1 n. 308. Bologna: EDB, 1985.

[61] BEATO PAULO VI. **Exortação Apostólica Marialis Cultus**, 1974, n. 25.

A nossa confiança é ainda mais reanimada e confirmada, se considerarmos os laços estreitíssimos que unem esta nossa celeste Mãe ao gênero humano. Mesmo na riqueza das admiráveis prerrogativas de que Deus a ornou, para fazê-la digna Mãe do Verbo Encarnado, ela, todavia, está pertíssimo de nós. Filha de Adão como nós, e por isso nossa *irmã* por vínculos da natureza [...]. Na sua vida terrena realizou a perfeita figura do discípulo de Cristo, espelho de toda virtude.^[62]

De todas estas reflexões emerge a estreita união que temos com a Mãe de Jesus por vínculos de natureza, em quanto é um ser humano como nós. Mas não devemos esquecer também as graças tão extraordinárias que ela recebeu, sendo destinadas à obra da nossa redenção, ao invés de afastá-la de nós no mais alto dos seus “privilégios”, a orientam com toda sua pessoa e em todos os acontecimentos de sua vida para nós, para a salvação do gênero humano.

A centralidade do Coração Imaculado de Maria adquire, à luz desta redescoberta da relacionalidade, uma diversa e maior importância: nesta perspectiva, de fato, o seu significado não se esgota no nível devocional, mas assume um relevo antropológico de grande espessura na vida humana e cristã. Se, como vimos antes, no seu coração se configura a unicidade da pessoa, isto acontece enquanto ele é o lugar das decisões íntimas e das mais profundas relações, aquelas que não ficam externalizadas pelo sujeito, mas provocam a sua transformação: são as relações de amizade e de amor nas quais se realiza a união dos corações e, portanto, das próprias pesso-

[62] BEATO PAULO VI. Discurso de encerramento do 3º período do Concílio, 21-11-1964 IN: **Enchiridion Vaticanum** 1 n. 310-311. Bologna: EDB, 1985. O grifo é meu.

as, e não apenas de alguns de seus atos ou interesses. Através destas relações se constrói a pessoa interior e a partir da interioridade amante se forja também o ambiente social, como bem explicou Bento XVI na encíclica *Caritas in veritate*, quando nota que, contrariamente a quanto muitos pensam, a caridade “é o princípio não só das microrrelações: relações de amigos, familiares, de pequenos grupos, mas também das macrorrelações: relações sociais, econômicas, políticas”^[63]. Considerando que no Coração Imaculado de Maria a fé e o amor estão livres do pecado, o caminho indicado pelo seu Coração não configura segundo uma plenitude de fraternidade apenas as relações interpessoais (microrrelações), mas também as relações entre os povos e as nações (macrorrelações).

Neste momento da história da Igreja e da humanidade, o caminho do Coração adquire o sentido de um chamado à fraternidade autêntica não apenas no plano individual, mas também no da sociedade. Agora podemos entender melhor o que afirmava Bento XVI na homilia pronunciada em Fátima que recordamos no início: “Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os seus primórdios: ‘Onde está o teu irmão, Abel? [...] A voz do sangue de teu irmão grita do solo por mim!’ (Gn 4, 9)”^[64]. Ao recordar o momento exato das origens, no qual foram reveladas a ligação fraterna e a sua fragilidade, evidenciadas pelo fato de que o primeiro pecado, depois do original, foi o fratricídio, Bento XVI nos fez considerar que o Coração Imaculado de Maria é um sinal do amor misericordioso da Santíssima Trindade que se inclina sobre os corações humanos e sobre

[63] BENTO XVI. **Carta Encíclica *Caritas in veritate***, 2009, n.2. Veja-se também PAPA FRANCISCO, **Carta Encíclica *Lumen fidei***, 2013, n. 51.

[64] Bento XVI, Homilia em Fátima, 13 de maio de 2010.

as relações fraternas envenenadas pelo pecado, para regenerar a todos.

E que os videntes foram chamados a tomar parte ativa para acolher e depois difundir o mesmo amor em tantos outros corações, num exercício profundo de fraternidade. Em Fátima, o amor paterno de Deus e o materno de Maria se fizeram fonte de novas relações entre os homens, e dirigiram um convite a tornar mais conscientes os laços que realmente unem a humanidade num vínculo de solidariedade, para reencontrar as relações fraternas queridas por Deus desde as origens. Além disso, em Fátima, emerge também que esta fraternidade não seria verdadeira se não assumisse a forma da solidariedade penitencial, ou seja, se não assumisse o pecado do irmão a exemplo de Cristo que “quando ainda éramos pecadores, morreu por nós” (Rm 5,8). Jesus ensinou com a sua vida, antes que com suas palavras, que o amor autêntico não cessa diante do obstáculo constituído pelo pecado, mas procura de todo modo afastar o outro do mau que o oprime e o separa da comunhão, e recuperar a relação com ele.

O amor de Cristo assumiu o pecado dos homens até o dom da vida terrena acompanhado pela súplica filial: “Pai, perdoa-lhes...” (Lc 23,34). Sob seu exemplo, os cristãos são chamados a amar quem se deixou enganar pelo demônio, para ajudá-lo com a própria oração e o próprio exemplo a livrar-se do pecado^[65]. Em Fátima, seja o Anjo, seja Maria Santíssima, pediram às crianças para oferecerem os sacrifícios que teriam sido apresentados, em reparação pelos pecados

^[65] Recentemente, o Papa Francisco inseriu o dom da vida entre os casos que identificam a santidade cristã, com a Carta Apostólica *Maiorem hac dilectionem*, de 11 de julho de 2017. Trata-se de atos de caridade heroicos que não comportam necessariamente o espírito de reparação do qual estamos nos ocupando neste parágrafo.

que afligem Deus e para levar a salvação aos homens pecadores^[66]. Deste modo, as crianças, apesar da jovem idade delas, foram chamadas a participar da Cruz do Senhor, onde culmina o combate contra o demônio e onde se aprende a amar com um amor verdadeiro, aquele que deseja para o outro o bem maior, que é o amor de Deus^[67]. Neste cuidar do outro seguindo Cristo, não há nada de arrogante ou de presunçoso, contanto que se instaure um dom recíproco, ou seja, uma relação entre quem socorre e quem é socorrido: assim, além das aparências, não há uma pessoa que dá e outra que recebe, mas ambas dão e recebem^[68].

4 O CAMINHO DO CORAÇÃO DE MARIA, CAMINHO DA IGREJA

Do que apenas falamos, parece evidente que o pedido de Maria de prestar uma particular atenção à importância das relações fraternas para vivê-las segundo o seu Coração sem pecado, não pode limitar-se a ter os efeitos “privados”, mas necessariamente tem repercussões na esfera pública, e principalmente na vida da Igreja. Procuremos completar o quadro até aqui apresentado sobre o Coração Imaculado de Maria, considerando qual caminho ele possa indicar não só a cada cristão, mas também a toda a Igreja e à humanidade. Foi observado que

[66] Cf. DE FIORES, Stefano. Riparazione IN: **Enciclopedia di Fatima**, op. cit., p. 407-418.

[67] Cf. SÃO JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Dives in misericordia**, 1980, n. 8.

[68] Cf. *Ibidem*, n.14.

encontramos como que um fio condutor que une as revelações do Sagrado Coração de Jesus, fundamentais no magistério pontifício a partir do fim do século XIX até os anos 1950, ao Reino de Deus, caro especialmente a Pio XI, à proposta paciente e dialogante do mistério cristão querida pelos dois Papas que presidiram o Concílio Vaticano II, à civilização do amor pregada pelo Beato Papa Paulo VI, à caridade colocada em luz por Bento XVI, e à misericórdia diretamente proclamada por São João Paulo II e pelo Papa Francisco”.^[69]

Depois do que vimos anteriormente, podemos acrescentar que, pela sua estreita relação com o Coração de Jesus, o Coração Imaculado de Maria não é estranho a este percurso, no qual podemos encontrar a atuação de alguns dos conteúdos das profecias de Fátima. Em nossos dias, o Papa Francisco repropõe assiduamente, em continuidade com os seus predecessores e ao mesmo tempo com uma força maior, o tema da misericórdia que ele considera um aspecto central da fé cristã: “Jesus de Nazaré com a sua palavra, os seus gestos e com toda a sua pessoa, revela a misericórdia de Deus”^[70]. No meu entendimento, o Magistério de Francisco, todo centrado sobre a primazia da misericórdia e da interioridade, se mostra em sintonia com o caminho do Coração e daí se podem individuar algumas implicações.

^[69] TOUZE, Laurent. Introduzione IN: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **I Papi e la misericordia**. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2015, p. 14.

^[70] PAPA FRANCISCO. **Bula *Misericordiae vultus***, 11 de aprile de 2015, n. 1.

4.1 A Igreja em saída, isto é, a superação da autorreferencialidade

Do ponto de vista moral e espiritual, a abertura à relationalidade e à misericórdia típica do caminho do Coração está presente nos constantes ensinamentos do Papa quando denuncia o risco sempre atual de considerar que a observância da lei seja mais importante que a entrega confiante ao Pai com o Filho no Espírito, e trabalha para reestabelecer também a nível prático, e não apenas teórico, a funcionalidade da observância da lei no exercício da caridade:

Não há lei nem preceito que possa impedir a Deus de reabraçar o filho que volta para Ele reconhecendo ter errado, mas decidido a recomeçar do início. Parar somente na lei equivale a contrariar a fé e a misericórdia divina. Existe um valor propedêutico na lei (cf. Gal 3,24) que tem como fim a caridade (cf. 1 Tm 1,5). Todavia, o cristão é chamado a viver a novidade do Evangelho, “a lei do Espírito, que dá vida em Cristo Jesus” (Rm 8,2). Mesmo nos casos mais complexos, onde se é tentado a fazer prevalecer uma justiça que deriva apenas das normas, se deve acreditar na força que brota da graça divina”.^[71]

O papa Francisco está operando uma releitura de todas as dimensões da Igreja em chave pastoral, isto é, na ótica da melhor orientação ao seu fim que, segundo a orientação que já havia sido dada pelo Concílio Vaticano II, é aquele de favorecer “a união com Cristo que é a luz do mundo: Dele vie-

^[71] PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica Misericordia et misera*, 2016 n. 11.

mos, por Ele vivemos, e para Ele somos destinados”^[72]. Sempre nesta ótica, falando aos bispos italianos, o Papa recordou que a primeira tentação da qual a Igreja deve se guardar é o pelagianismo^[73], a heresia que dá voz à ilusão da autossuficiência e da autonomia. Mitos que, na sua derivação niilista, a cultura pós-moderna decretou a falência, mas que na Igreja relutam em desaparecer. De fato, na perspectiva típica da modernidade cada cristão devia estar intencionado à busca autônoma da própria perfeição espiritual. Nesta ótica, Deus arriscava ser considerado como o fornecedor das graças necessárias para a própria santificação, e a relação com os outros perdia sua importância.

A proclamação do Ano Jubilar da Misericórdia assumiu a este propósito um valor emblemático, porque toda a Igreja foi chamada a redirecionar-se no caminho do Coração com uma totalidade que não encontra precedentes na história. Como já havia emergido durante as Congregações que precederam a sua eleição, o papa Francisco está conduzindo a Igreja a sair do horizonte autorreferencial do perfeccionismo no qual corria o risco de se fechar, para redescobrir-se como uma “Igreja em saída”, toda propensa a levar com alegria a mensagem de misericórdia e de salvação^[74]. A indicação da prioridade da misericórdia mostra uma clara sintonia com a antropologia relacional que, nascida com o personalismo e até hoje em contínuo desenvolvimento, atribui um valor positivo no influxo recíproco proveniente da relação com os outros, e principalmente da relação com Deus^[75]. Também

[72] LG 3.

[73] PAPA FRANCISCO. Discurso no V Congresso nacional da Igreja italiana. Firenze, 10 de novembro de 2015.

[74] Cf. PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***, 2013, n. 1-49.

[75] MALO, Antonio. **Io e gli altri**, op. cit., p.305-354.

o Coração Imaculado de Maria mostra um caminho em que a relação com Deus, livre de toda autorreferencialidade, se abre à relação autêntica e santificante, da qual a relação com os outros é parte integrante.

Parte desta relação fraterna é a ajuda recíproca que nos é necessária para enfrentar a experiência do mal. Sobre isto insiste a mensagem de Fátima, mostrando que o caminho do Coração constitui um chamado à penitência não autorreferencial, mas voltada para a salvação dos pecadores, que são os mais pobres, porque foram privados do bem mais precioso que é a amizade com Deus. A Virgem encorajava as crianças dizendo: “Rezem, rezem muito. E façam sacrifícios pelos pecadores...”^[76] porque cuidar do próprio irmão significa também carregar o seu pecado, a sua dor e as suas necessidades.

O Coração de Maria conhece bem a luta contra o demônio, embora ela nunca tenha cedido à tentação e ao lixão do pecado. Porém, esta sua inocência não a afastou dos homens pecadores, mas unida a Cristo se inclinou maternamente sobre o coração dos seus filhos e assumiu por nós e conosco os combates contra o mal. Por isso a Igreja a considera a inimiga de todas as heresias^[77], e todos os santos aconselham a recorrer à sua intercessão para obter os favores celestes, sobretudo, para as graças relativas à fé.

Entre os numerosos testemunhos que atestam o contraste entre Maria e o demônio, gosto de lembrar aquele de um exorcista que durante um exorcismo, ouviu o demônio insultar enraivecidamente quando ouviu que Francisco e Jacinta Marto foram invocados entre os santos:

^[76] DOS SANTOS, Lucia. op. cit., p. 123.

^[77] Cf. SÃO PIO X. Encíclica Pascendi, 1907 IN Acta Pii X, vol. IV, p. 114.

Aquele pequenino me deu tantas surras com aqueles Rosários, tantas! E aquela outra, a menor dos três, foi a pior. Ela é aquela que disse logo: “Sim! Sim! Leva-me contigo. Me faz sofrer, basta que não sofram os outros!” Disse isto aquela pequena estúpida. Como sabia? Quem tinha lhe ensinado aquelas coisas? Era tão transparente, não podia atacá-la, tão transparente, quase como Aquela lá (Maria Santíssima, n.d.r).^[78]

A transparência de Maria consiste na ausência nela de sequer a mínima cumplicidade com o pecado. Tendo livremente acolhido e feito frutificar o dom de Deus (cf. Mt 25,21), longe de perder a sua personalidade, Maria a amadureceu até levá-la à realização. Por isso “Ela aparece como uma ‘explicação’ de Deus, um livro aberto que explica Deus”^[79], e torna presente segundo o seu modo feminino e materno o amor misericordioso que luta contra o demônio.

4.2 A Igreja, mistério de comunhão

Do ponto de vista eclesial, o caminho do Coração é o caminho da comunhão dos santos e da compreensão da Igreja como mistério de comunhão. Sobre este tema se entretteve o Concílio Vaticano II, integrado em seguida por um importante documento da Congregação da Doutrina da Fé no qual se lê: “Esta comunhão comporta uma solidariedade espiritual entre os membros da Igreja, em quanto membro de um mesmo Corpo (cf. 1 Cor 12, 25-27; Ef 1,22-23; 3, 3-6), e tende à sua

^[78] BAMONTE, Francesco. **La Vergine Maria e il diavolo negli esorcismi**. Milano: Paoline, 2010, p. 164.

^[79] LUBUCH, Chiara. **La dottrina spirituale** IN: VANDELEENE, Michel (org.). Roma: Città Nuova, 2009, p. 207.

união efetiva na caridade constituindo ‘um só coração e uma só alma’ (At 4,32)”^[80]. Trata-se de uma visão eclesiológica que nos tempos das aparições de Fátima não era difundida, já que então dominava a ideia da Igreja como sociedade perfeita^[81], mas que em seguida foi se afirmando até inspirar alguns documentos do Concílio Vaticano II^[82]. Esta impostação alimentou a compreensão que a Igreja tem de si mesma, a tal ponto que no discurso conclusivo do Sínodo extraordinário, que ocorreu há 20 anos do fim do Concílio, são João Paulo II pôde dizer: “De modo particular neste Sínodo foi examinada a natureza da Igreja, em quanto é mistério e comunhão, ou seja, ‘*koinonia*’”^[83].

Neste mistério de comunhão, Maria está presente em vários aspectos. O Concílio a “reconheceu como insuperável e em tudo único *membro* da Igreja e sua *imagem*, e excelentíssimo *modelo* na fé e na caridade, e a Igreja católica, iluminada pelo Espírito Santo, com afeto de piedade filial a venera como *mãe* amantíssima”^[84].

Entender Maria como imagem (*typus*), na qual a Igreja se espelha e segundo a qual se entende, enriquece a nossa compreensão do que significa que Deus quer que o Coração

[80] CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta *Communio* *notio* de 28 de maio de 1992, n. 6.

[81] Cf. DE SALIS, Miguel. **Una Chiesa incarnata nella storia**. Elementi per una rilettura della Costituzione *Lumen gentium*. Roma: EUNSA, 2017, p. 61-126.

[82] Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta *Communio* *notio*, op. cit. Na nota 1 se elencam os documentos nos quais o Concílio falou da Igreja como mistério de comunhão: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, nn. 4, 8, 13-15, 18,21, 24-25; Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 10; Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, n. 32; Decreto *Unitatis redintegratio*, nn. 2-4, 14-15, 17-19, 22.

[83] SÃO JOÃO PAULO II. Discurso de 7 de dezembro de 1985, n. 6.

[84] LG 53. Os grifos são meus.

de Maria seja o caminho da Igreja, e que a Igreja seja um mistério de comunhão. Segundo a *Lumen Gentium*, “a Igreja aparece constituída segundo o paradigma de Maria, em quanto na realização da sua missão se torna mãe gerando ‘por obra do Espírito Santo’ e é virgem porque ‘conserva integralmente e puramente a fé dada ao Esposo’ (LG 64)”^[85]. Conformar sempre mais a Maria o caminho da Igreja para “progredir continuamente na fé, na esperança e na caridade e em todas as coisas procurar e seguir a divina vontade”^[86].

Retomando o ensinamento do Concílio, são João Paulo II escrevia:

De algum modo a fé de Maria, em base ao testemunho apostólico da Igreja, se torna incessantemente a fé do povo de Deus à caminho: das pessoas e das comunidades, dos ambientes e das assembleias, e enfim dos vários grupos existentes na Igreja. É uma fé que se transmite a um tempo mediante o conhecimento e o coração. Ela se adquire ou readquire continuamente mediante a oração.^[87]

A fé de Maria está no coração da comunhão da Igreja, a reforçar a unidade na diversidade. A sua presença espiritual é particularmente necessária para conservar a catolicidade da Igreja e impedir que as legítimas diversidades no modo de interpretar e de viver a mesma fé se contraponham de modo dialético, contrastando-se uma com a outra numa tensão que corre o risco de ser destrutiva^[88]. O Coração da Mãe nos

[85] DE FIORES, Stefano. Maria IN: **Nuovissimo Dizionario**, I. Bologna: EDB, 2006, p. 339.

[86] LG 65.

[87] SÃO JOÃO PAULO II, **Carta Encíclica Redemptoris Mater**, 1987, n. 28.

[88] Cf. LUBICH, Chiara. **La dottrina spirituale**, op. cit., pp. 66-74.

é dado como lugar no qual as divisões entre os filhos encontram a via para recompor-se numa unidade superior e realizar aquela comunhão na fé e na caridade na qual consiste o mistério da Igreja.

Os desdobramentos de tipo moral, espiritual e eclesial a que se acenou, são sinais do fato que o Espírito Santo está atuando o desígnio anunciado em Fátima de estabelecer no mundo a devoção ao Coração Imaculado de Maria. E aparece sempre mais evidente que isto não consiste apenas em introduzir a prática de algumas obras piedosas, que permanecem necessárias, mas são só instrumentais em relação ao fim a se alcançar: trata-se, sobretudo, de buscar a transformação dos corações e de toda a Igreja sob o sinal de Maria, humilde serva do Senhor (cf. Lc 1,48). Estabelecer no mundo a devoção ao Coração Imaculado de Maria significa prosseguir no caminho de tornar-se “mariaforme”^[89], caminho que se refere a toda a Igreja e cada cristão singularmente, e conduz ao perfeito acolhimento de Deus na sintonia com o Espírito Santo que Maria soube ter em todas as circunstâncias.

Este horizonte inalcançável pelas capacidades humanas feridas pelo pecado nos quer ser doado por Deus, que enviou a Mãe de Jesus para comunicá-lo e para pedir a todos os cristãos, como em Fátima pediu aos três videntes, para serem disponíveis em deixar atuar o Seu projeto. Os dois santos pastorinhos, como também Irmã Lúcia, realizaram em suas vidas esta graça tão grande, seguindo o caminho que Deus abriu em Maria para toda a Igreja.

[89] Sobre este adjetivo, Cf. DE FIORES, Stefano. Maria IN: op. cit., p. 369-371.

CONCLUSÕES: O TRIUNFO DO CORAÇÃO IMACULADO

A afirmação: “No final o meu Coração Imaculado triunfará” está no centro das aparições de Fátima (13 de julho), prometendo a realização do projeto de salvação.

Quando isto acontecerá, e em que coisa consistirá este triunfo do Coração de Maria, são questões às quais ninguém pode responder com certeza. Nós sabemos que Deus “será tudo em todos” (1 Cor 15,28) na eternidade, quando os nossos corpos ressurgirão na glória eterna, mas as palavras de Nossa Senhora em Fátima parecem sugerir a sua vitória na história.

Provavelmente, como é no estilo mariano, o triunfo do Coração de Maria não acontecerá segundo as categorias do sucesso humano, ou seja, do reconhecimento unânime, sempre exposto ao risco da manipulação. Ao contrário, ele se realizará no estilo tipicamente mariano da transparência a Deus, para usar as palavras antes recordadas de um sacerdote exorcista. Transparência que significa intensa relacionabilidade, plenitude de diálogo interior, comunhão íntima e verdadeira, todas características do Coração Imaculado, como vimos a partir da Sagrada Escritura até a mais recente reflexão teológica. De consequência, não há de se esperar uma particular visibilidade do Coração de Maria como sinal do seu triunfo, nem uma aclamação de massa, da qual se poderá documentar com exatidão a extensão. Todavia, de algum modo ele poderá ser reconhecido por aqueles que “têm olhos para ver” (cf. Mt 13,10-16).

Talvez um sinal do triunfo do Coração Imaculado será dado pela difusão da esperança nos corações dos cristãos, porque em Maria Deus já triunfou. A segunda virtude teológica é quase personificada nela, que na Igreja é invocada como

Spes nostra, porque o desejo de santidade que Deus tem em relação a toda humanidade se realizou plenamente na sua vida a partir do momento da concepção até a Assunção ao céu, onde agora vive na glória. A longa catequese do Papa Francisco sobre o tema da esperança guia a Igreja nesta direção. Considerando a importância de Maria para a esperança de cada cristão e de toda a Igreja, ele dizia a propósito:

[Ela] nos ensina a virtude da espera, também quando tudo parece privado de sentido: ela, sempre confiante no mistério de Deus, mesmo quando Ele parece eclipsar-se por culpa do mal do mundo. Nos momentos de dificuldade, Maria, a Mãe que Jesus presenteou a todos nós, possa sempre sustentar os nossos passos, possa sempre dizer ao nosso coração: “Levanta-te! Olha adiante, olha o horizonte”, porque Ela é Mãe da esperança.^[90]

O Coração Imaculado de Maria sempre protegeu a Igreja, e agora de modo mais evidente nos é indicado por Deus como caminho que a Igreja deve não só percorrer, mas encarnar, rumo à união definitiva com o seu Esposo.



^[90] PAPA FRANCISCO. Audiência de 10 de maio de 2017. A catequese durou por 38 audiências da quarta-feira, de 7 de dezembro de 2016 a 25 de outubro de 2017.